

Isabella Batalha Muniz Barbosa

É doutora em Arquitetura e Urbanismo

/// O jornal perdura na contemporaneidade, e ainda hoje observo meu pai, octogenário, entretido na leitura de um jornal impresso

O jornal e o tempo

O jornal moderniza-se com o tempo. Lembro-me que ainda pequena meu pai sentava-se regularmente na cadeira da sala e entretinha-se por um longo período com um jornal. À época, com meus seis ou sete anos, o jornal soava para mim algo estranho de um tamanho imenso e com uma aspereza que agoniava o tato das mãos. A noção de escala adquire contornos distorcidos para uma criança.

Vale lembrar que a poetisa Ana Cristina Cezar (1952-1983), desde os 9 anos, fazia jornais caseiros do tamanho de uma caixa de fósforo e publicava seus poemas na “Tribuna da Imprensa”. Curiosa por desvendar aquilo que para mim era enigmático e concentrava tanto a atenção, enfiava a cabeça por debaixo dos braços do meu pai e esforçava-me para ver se incorporava algum significado naquelas letras todas pequeninas e espremidas que ocupavam a totalidade da folha. Permanecia ali por uns instantes, mas em seguida procurava algo mais lúdico que estivesse para além daquele jornal sem cores e sem figuras, considerando o fato que ainda caminhava na alfabetização.

Era a década de 1970 e iniciavam-se projetos alternativos para comunicar ideias novas. Ana C. Cezar engajava-se na

produção do jornal “O Beijo”, onde transparecia toda sua formação erudita e cult ao interessar-se por questões comportamentais e de gênero com influência pop. Em 1964, a estreia do caderno “Ela” de O Globo causou ineditismo no jornalismo carioca. O caderno foi um dos pioneiros a mostrar ao público as boas coisas da vida cotidiana. A editora responsável, Nina Chaves, imprimia um olhar inovador ao mundo que evoluía a passos rápidos.

De lá pra cá, muita coisa mudou: os hábitos, a forma de ser e de se viver. E o jornalismo acompanhou, seja na forma de abordagem das matérias, seja na comunicação visual ou nos meios alternativos de acesso compartilhado pelas tecnologias de rede. Os jornais apresentam uma nova roupagem com imagens e cores, onde a criação e a arte passaram a ter papel fundamental. A versão digital facilitou e ampliou o acesso dos leitores. Especializaram-se os cadernos e os encartes adicionais que contemplam os mais diversificados assuntos – moda, literatura, arquitetura, gastronomia, tecnologia.

Para refletir a mudança comportamental e tecnológica destes últimos 50 anos, basta dizer que somos menos pacientes e mais acelerados; que os encontros são des-cortesés, constantemente interrompidos por olhares aflitos aos sinais dos smartphones, e que os jornais podem ser acessados nestes mesmos pequenos aparelhos. O jornal perdura na contemporaneidade, e ainda hoje observo meu pai, octogenário, entretido na leitura de um jornal impresso. E compreendo o quão prazeroso é.